

A INTERFACE ENTRE O FAZER TEATRAL E A TERAPIA OCUPACIONAL: reflexos no cotidiano

THE INTERFACE BETWEEN THE THEATER AND TO THE OCCUPATIONAL THERAPY: reflections on daily life

Juliana Prestes Ferigollo¹, Andrea do Amparo Carotta de Angeli¹

RESUMO

O presente estudo buscou identificar como o teatro e a Terapia Ocupacional se encontram na cena terapêutica visando à promoção de saúde e a potencialização da vida dos sujeitos atendidos por esta. Para isso, criou-se um grupo de teatro denominado "Experimentações Cênicas" que aconteceu na Universidade Federal de Santa Maria no ano de 2013 e foi composto por universitários com faixa etária entre 20-25 anos. Utilizou-se como metodologia a pesquisa-ação e a análise dos dados foram baseadas na análise de conteúdo. Os resultados do trabalho mostraram que os participantes tomaram o grupo como um local onde podiam ter um momento de reflexão sobre seu cotidiano e, também, que as atividades propostas foram alternativas para o autoconhecimento, ou seja, percepção do próprio corpo, limites e potencialidades deste.

Descritores: Arte; Terapia Ocupacional; Cultura; Atividades Cotidianas.

ABSTRACT

This study sought to identify how theater and Occupational Therapy are in the therapeutic scene aiming to promote health and potency of life of individuals served by this. For this, we created a theater group called "Trials Performing" that happened at the Federal University of Santa Maria in 2013 and was composed of students aged between 20 and 25 years old. The methodology of action research was used and data analysis was based on content analysis. The results showed that the participants took the group as a place where they could have a moment of reflection on their daily lives, and also that the proposed activities were alternatives to self-knowledge, that is perception of the body, its limits and potential.

Descriptors: Art; Occupational Therapy; Culture; Activities of Daily Living

¹ Graduada em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil.

Introdução

O interesse em desenvolver esta pesquisa surge da nossa experiência com as atividades expressivas corporais, principalmente o teatro, e do estudo desse recurso na Terapia Ocupacional. O contato com o teatro despertou o interesse em compreender como ele pode ser uma estratégia para emancipação da vida e potencialização do cotidiano. Desse modo, buscamos identificar como esta atividade pode provocar mudanças e transformações na vida cotidiana já que se inscreve nestas ações que promovem segundo Heller uma “suspensão do cotidiano”, ou seja, um momento de consciência e reflexão^{1,2}.

O conceito de cotidiano para Heller consiste no mundo das objetivações, naquilo que se produz e se reproduz se mantendo sempre em movimento. O cotidiano está associado à vida social dos sujeitos e aquilo que estes vivem quando estão em relação. O afastamento do conceito de cotidiano do de rotina acontece, pois a rotina é constituída de atos que são repetidos por nós sem que possamos nos conscientizar de sua importância^{3,4}.

Sobre o conceito de indivíduo, Heller destaca que todo o homem possui vida cotidiana e que é inevitável estar fora dela. Além disso, traz que cada indivíduo se constitui em ser genérico e em ser particular – genérico, pois realiza atividades comuns a outros indivíduos e particular porque quando as realiza expressa nelas suas motivações, seus sentimentos e paixões de forma individual⁵.

Veroneze, baseado nos conceitos de Heller, traz que o indivíduo é um ser social que possui sua própria história, porém é inserido em um meio social já constituído de regras, valores e princípios². Para Heller o indivíduo da vida cotidiana é aquele que realiza seu trabalho dentro da sociedade perdendo de vista as “condições de sua objetividade, ao alienar-se torna-se particularidade, parcialidade, indivíduo preso a um fragmento do real, à tendência espontânea de orientar-se para seu eu particular”⁵ (p. 125).

Quanto à alienação e à suspensão considera-se, segundo a autora, que a alienação é quando ocorre um distanciamento entre a produção humano genérica e a participação consciente dos indivíduos nessa produção⁵. Já a suspensão da cotidianidade é temporária e não se dá a parte do cotidiano, porém consiste em momentos produtivos da des(alienação). Esses momentos são considerados brechas da cotidianidade que possibilitam a superação⁶.

Para Heller a arte e a ciência são as únicas formas de elevação acima da vida cotidiana que produzem objetivações duradouras. A arte, pois é consciência e memória da humanidade e a ciência, já que *desantropocentriza* e *desantropoformiza*. Para ela, o cotidiano apresenta formas de suspensão que se dão na arte, no trabalho, na ciência e na moral¹.

Como base nisso, o fazer teatral se inscreve como uma atividade que possibilita uma suspensão do cotidiano abrindo espaço para uma tomada de consciência. Então, a partir disso vemos a necessidade de compreender como este momento de elevação da vida cotidiana, de fuga da alienação, criação do novo e conscientização corporal acontece na prática cênica. Conhecer e identificar como ela pode oferecer possibilidades de resignificação do cotidiano, de elaboração de novos projetos de vida e viabilizar a suspensão ao “humano-genérico”, o qual, segundo Heller, corresponde ao homem viver inteiramente, se colocando por inteiro na ação, ou seja, colocando todas as suas habilidades, forças, capacidades e criação, sendo produtor de relações sociais, preservador do desenvolvimento humano, seja em tribos, classes, nações e/ou humanidade¹.

A prática Cênica aparece então, como uma possibilidade de suspensão ao “humano-genérico”, tendo em vista o que trás Guimarães, ao dizer que o trabalho criativo, a arte e a ciência são meios significativos de ultrapassar a dimensão cotidiana e, posteriormente, retornar a ela de outra forma⁷.

A Terapia Ocupacional na interface com o fazer teatral:

A Terapia Ocupacional, em sua prática, busca, juntamente com os sujeitos atendidos, potencializar a vida e melhorar sua qualidade de participação no mundo de transformação do cotidiano, de acesso aos bens de direito, dentre eles, os culturais. Para isso, procura reconhecer com os sujeitos, suas habilidades e potencialidades bem como suas dificuldades e limitações. A partir disso, o sujeito começa a adquirir consciência de si e estabelecer relações que serão elementos facilitadores da expressão e da reflexão. Então, a Terapia Ocupacional propõe ao sujeito refletir e projetar seu modo de pensar e de fazer em vida⁸.

Esse processo de reflexão e conscientização pode ocorrer de diferentes formas, uma delas, através da proposta de inserção e participação sociocultural dos sujeitos, por meio de atividades significativas, que busquem resgatar valores e

transformar vivências cotidianas. As linguagens artísticas, por sua vez, são um meio de potencialização, de participação e de acompanhamento “do desenvolvimento da atualização cultural” (p.7), além de possibilitarem novas experiências sociais⁹.

Lima e Pelbart apontam que as atividades artísticas começam a surgir na cena terapêutica a partir do século XX. Anteriormente, época das instituições asilares no Brasil, havia uma resistência quanto à introdução dessas atividades no processo terapêutico. Segundo os autores, um dos destaques, no país neste campo, foi Nise da Silveira que se colocou contra os tratamentos tradicionais da psiquiatria e buscou por meio de atividades expressivas, dentre elas a pintura e a escultura, outras formas de cuidar e de comunicar o sofrimento, assim como, de participação no mundo. Nise observou que através da arte existia a possibilidade de expressar, exteriorizar sentimentos, sensações, vontades e desejos, ao mesmo tempo em que os pacientes podiam ser reconhecidos como sujeitos que sentem, pensam e tem algo a compartilhar¹⁰.

Atualmente, podemos observar diferentes estudos que abordam a importância da arte na interface com a Terapia Ocupacional. Um deles é o trabalho desenvolvido pelo PACTO (Programa Permanente Composições Artísticas e Terapia Ocupacional) que traz as atividades artísticas como um meio de construção de novos projetos de vida, participação social e integração pessoal. Nesse projeto, observamos a construção de práticas terapêuticas ocupacionais vinculadas à arte propostas a sujeitos com diferentes problemáticas, sejam elas deficiências físicas, mentais, sensoriais, entre outras. Este programa, por sua vez, abre um espaço para convivência e trocas sociais, experimentação de práticas artísticas e corporais, atendimento terapêutico ocupacional e atualização cultural. Além disso, entende as práticas artísticas como uma possibilidade de expressão que perpassa a linguagem verbal e desloca o foco da intervenção da doença para a potência de cada sujeito^{11,12}.

Uma das possibilidades de atividade artística e expressiva corporal é o teatro, o qual segundo Justa e Holanda, quando abordado em um grupo terapêutico ocupacional, potencializa as capacidades de criatividade, espontaneidade e transformação social. Isso possibilita a modificação de atitudes frente a si mesmo e a sociedade podendo contribuir para a percepção de uma coletividade onde todos são corresponsáveis¹³.

Castro e Silva apontam em seus estudos que a arte pode agir como um “catalisador” na organização do cotidiano. Trazem ainda que as atividades artísticas facilitam a “recomposição de universos de subjetivação e de resingularização das atividades das pessoas” (p. 5), além de propor uma linguagem diferenciada por meio da qual é possível o compartilhamento de experiências e de novas concepções de mundo⁹.

O fazer teatral pode ser pensado como uma atividade artística que instiga o potencial criativo ao englobar vários momentos, desde a realização de exercícios cênicos onde há uma preparação do corpo, da postura e da voz para o desenvolvimento de um trabalho, passando pela criação de partituras, ou seja, aprimoramento dos fragmentos observados durante os exercícios ou criados em torno de um tema ou situação levando a construção de cenas, até chegar ao momento de costura de todas essas etapas e pensar onde, quando e como aquele espetáculo ou intervenção construída deverá ser mostrado.

Boal diz que o teatro é a primeira invenção do homem, a qual deu abertura para todas as outras, diz que ele possibilita ao ser humano se observar e se sentir, permite o autoconhecimento e ainda estuda as relações, é “conflito, contradição, confrontação, enfrentamento” (p.30). O mesmo autor, ainda traz, que essa possibilidade de se ver e de se observar em ação é o diferencial do homem para os outros seres¹⁴.

De acordo com Justa e Holanda, a experimentação corporal cênica no encontro com a Terapia Ocupacional permite que o sujeito perceba-se em “sua potência de transformação, criatividade, e capacidade de transcender os limites que se impõe sobre ele” (p.18) e isso se insere em um conjunto de ações que permite aos sujeitos tornarem-se mais ativos na promoção e prevenção da própria saúde¹³.

Segundo Barja e Ribeiro, o teatro é uma atividade artística que pode apresentar-se como parte do processo de autodescoberta e inclusão social, além de possibilitar a relação com o outro favorecendo o afeto¹⁵. O fazer artístico pode ser pensado como uma forma de expressão e por isso, através dele, podem vir à tona conteúdos subjetivos referentes à história de vida e inserção sociocultural dos sujeitos, emergir sentimentos, sensações, lembranças que ao invés de verbalizadas, serão expressas de outras formas pela linguagem não verbal, no caso do teatro por meio da expressão corporal, da encenação ou da representação. Boal diz que o teatro possibilita ao ator ver-se e ouvir-se, permite que este se perceba e possa se voltar para si e não apenas para as outras pessoas¹⁴.

Observamos que o teatro possui a potencialidade de fazer com que possamos nos ver, nos perceber, nos ouvir, enfim voltarmos nossa atenção para nós mesmos. Assim, abre a possibilidade para entrarmos em contato com o nosso ser mais íntimo e deixar emergir nossas sensações, sentimentos, entre outros. O teatro aguça nossa percepção e

autoconhecimento, nos proporciona enxergarmos outro âmbito do nosso ser o qual, muitas vezes, não colocamos em ação na cotidianidade. Quando isso acontece, ao mesmo tempo, percebemos uma transformação no que tange as limitações tidas como tal pelo sujeito e/ou pela sociedade provocando uma desmistificação no momento em que esse passa a ser enxergado como capaz e potente nas suas ações.

Na pesquisa de Castro *et al*, é trazido o termo corporeidade o qual ela compreende como um conjunto de sensações que despertam conexões com o corpo (pulsos; sensações tônicas, viscerais, neurais; percepções; estruturas e camadas corporais; memórias de cenas vividas; imagens e outras dimensões da experiência) as quais irão se relacionar com a auto-organização e a organização das redes de sentido “colocando em movimento a possibilidade de prosseguir acontecendo no mundo”(p.256)¹⁶.

Burnier diz que a arte exercita a percepção e é quando vai de encontro a essa que se torna revolucionária. Ele traz que “é no inconsciente que encontramos nossa particularidade, nossa individualidade, mas também os elos que nos atam uns aos outros” (p.10)¹⁷.

O fazer teatral pode influenciar na transformação social a partir do momento em que torna possível tomarmos consciência do nosso lugar no mundo e em relação, de nos percebermos em ação para assim criarmos modificações duradouras e significativas na nossa vida. Castro *et al* referem que a arte possibilita nossa participação em territórios e desencadeia a ampliação da nossa sensibilidade permitindo o conhecimento de novas “formas de fazer e estar no mundo” (p.258)¹⁶.

A Terapia Ocupacional atua em diferentes campos e, normalmente, com sujeitos marginalizados. Seus instrumentos de trabalho são as atividades e é por meio delas que o discurso do sujeito será representado e que acontecerá a transformação do sujeito a partir do instante que ele reconhecer suas relações com o mundo e consigo mesmo^{18; 8}.

Na Terapia Ocupacional, o estabelecimento de ações na interface com as artes possibilita a expressão e o conhecimento do sujeito, a possibilidade de ressignificar valores, lugares sociais e ações nas experiências do cotidiano, que permitem a construção de projetos de vida mais afinados com as necessidades e desejos identificados pelos sujeitos. Segundo Castro e Silva “(...) os pacientes, quando realizam atividades artísticas no campo terapêutico ocupacional estão realizando um fato de cultura” (p.7); e esse processo de criação culminará em um produto novo que virá a abranger novos valores sociais e culturais para todos⁹.

Com base nos estudos destes autores, compreendemos que a arte é parte fundamental da vida humana, constituinte do ser e da humanidade e assim acabamos por ter uma preocupação dentro do campo das artes não somente com o fazer artístico, mas também com o compartilhamento do conhecimento, com as estratégias de ensino e aprendizagem da arte; há uma necessidade de conhecermos esta linguagem e identificarmos como ela se produz no tempo, em cada momento histórico¹⁹.

As propostas contemporâneas que se referem ao ensino da arte preocupam-se com a “alfabetização” artística da população atendida, trabalho que por um lado, nos remete à preocupação com a construção dos direitos e da cidadania da população e, por outro, com a busca de uma formação artística consistente que considere, além da expressão pessoal, a necessidade de se conhecer arte, formar-se nessa linguagem e ter conhecimentos históricos sobre ela¹⁹.

A partir dessas considerações, surge a necessidade da pesquisa de metodologias em arte contemporânea, no período histórico no qual estamos inseridos, de como ela se constrói e se desenvolve. Há uma grande importância em compreender a arte da nossa época para entender sua constituição, em que culturas e sociedades ela aparece, sua estética e com que forma se expressa esse fazer artístico para entendermos a nós mesmos e o mundo que nos cerca e acessarmos possibilidades de transformação destes. De outro lado,

É preciso possibilitar a expressão aos sujeitos sem perder a perspectiva das diferenças culturais. A vivência e educação em arte podem ser concebidas como um processo expressivo, de conscientização das experiências individuais e de organização de imagens e de elementos não verbais junto a informações e acontecimentos que estão constantemente influenciando a vida e o cotidiano. Associadas a essa compreensão estão às relações entre a observação do mundo e a reflexão sobre sua condição como sujeito que expressa, conhece, organiza e reorganiza essa relação.(p.108)¹⁹

Com isso, surge o interesse pelo estudo desta potência de transformação presente nas atividades artísticas e, em especial, no campo das artes cênicas, buscando uma reflexão de como esta linguagem pode vir a auxiliar nos processos de produção de saúde e principalmente, na prática terapêutica ocupacional. Sendo assim, buscamos identificar como o fazer teatral popular pode interagir com a Terapia Ocupacional no que tange a constituição de novos projetos de vida e

valores socioculturais tomando como base a perspectiva trazida por Boal, de um teatro com uma atuação crítica diante de situações opressoras, que liberte “o espectador das visões acabadas do mundo”, assim como o afaste de “relações humanas que impõem a cada pessoa papéis e máscaras específicas, inerentes à sua inserção social”²⁰ (p. 65).

Metodologia

O presente estudo foi realizado por meio de uma abordagem qualitativa conhecida como pesquisa-ação a qual é munida de uma ação participante do pesquisador e das pessoas envolvidas buscando o levantamento de dados e por meio destes o entendimento da situação observada e a compreensão das necessidades das pessoas. Através desse método é possível constituir um grupo participativo e colaborativo que estará atuando ativamente dentro da pesquisa.

Barbosa diz que a pesquisa-ação tem como objetivo a aproximação entre saberes distintos para que assim seja possível que todos os atores envolvidos no estudo tenham controle desses saberes. Refere ainda que a proposta da pesquisa-ação possibilita adquirir maior autonomia na busca de soluções e decisões com base em ações planejadas, as quais devem envolver todos os participantes²¹.

Para a realização desta pesquisa¹ criou-se um grupo denominado ‘Experimentações Cênicas’ que foi realizado na Universidade Federal de Santa Maria junto ao prédio da Terapia Ocupacional no Laboratório de Atividades Corporais. A divulgação do mesmo foi realizada através de folders, divulgação online e em uma rádio popular da cidade de Santa Maria/RS. Os critérios de inclusão no grupo eram ter idade superior a 18 anos e interesse em se aproximar da linguagem cênica, sendo excluídos sujeitos que não atendessem a esses critérios.

Foram disponibilizadas 15 vagas que foram preenchidas através de um contato inicial com cada sujeito seja pessoalmente, via telefone ou e-mail. No primeiro contato, era preenchida uma ficha de inscrição e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Foram realizados 8 encontros no total. O primeiro encontro aconteceu no dia 26 de abril de 2013 e das 15 pessoas pré-inscritas apenas 7 compareceram. Sendo assim, deu-se a possibilidade de novas pessoas integrarem o grupo até o segundo encontro. Inicialmente, foi realizada uma conversa coletiva onde cada um se apresentou e relatou as experiências de vida que julgou importante para o momento. Posteriormente, foram propostas, nestes 8 encontros, atividades de experimentação e contato com a linguagem corporal envolvendo aquecimentos, experimentações do corpo, jogos teatrais, improvisações, atividades para desinibição, integração e relaxamentos.

O grupo foi coordenado por uma das pesquisadoras e uma acadêmica do curso de Teatro². Viu-se a necessidade de convidar outra acadêmica para auxiliar a ministrar o grupo devido às singularidades de cada campo, da Terapia Ocupacional e do Teatro, além da identificação da importância da transdisciplinaridade que se refere a integração de saberes tornando o estudo mais rico, tendo em vista os domínios específicos das diferentes áreas de atuação. As atividades e ações desenvolvidas nos encontros foram baseadas, principalmente, nos autores Augusto Boal, Viola Spolin e Maria Novelly³.

A coleta dos dados se deu por meio da observação participante das coordenadoras e transcrição das atividades, dos relatos e das discussões recorrentes em um diário de campo. Ainda, foram registrados os momentos do grupo por meio de fotografias e vídeos sob o consentimento dos participantes. Após o término de cada encontro, as coordenadoras discutiram os temas e atividades realizadas no dia, além de trazerem questões para supervisões e orientações com a pesquisadora responsável. Nos dois últimos encontros realizou-se uma discussão conjunta do material coletado, além do compartilhamento e construção das categorias de análise propostas pela Análise do Conteúdo, método escolhido para a análise dos dados do estudo.

1 A pesquisa obedeceu às exigências éticas tendo o projeto de pesquisa aprovado no dia 23 de fevereiro de 2013 pelo Comitê de ética e Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria obtendo o número do CAAE: 12958113.0.0000.534. Formalizou a participação dos pesquisados através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido onde os eles receberam todas as informações a respeito da pesquisa e assinaram consentindo. Ainda, a fim de formalizar a permissão da instituição com a pesquisa foi redigido o Termo de Consentimento Institucional assinado por um responsável pelo local de realização da pesquisa e, além disso, ainda foi realizado um Termo de Confidencialidade onde os pesquisadores se declaram responsáveis pela privacidade dos participantes da pesquisa.

2 Acadêmica do curso de Teatro Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

3 BOAL com base, principalmente, no seu livro ‘200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro’ onde traz exercícios de aquecimento e jogos integração²²; SPOLIN com base nos seus livros ‘Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor’²³ e ‘Improvisação para teatro’²⁴; e NOVELLY com base no seu livro ‘Jogos teatrais: exercícios para grupos e sala de aula’²⁵.

A Análise do Conteúdo é constituída de três etapas fundamentais, segundo Bardin: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados²⁶. A pré-análise é a fase onde se organiza o material que será analisado, posteriormente, na segunda fase. E a terceira fase consiste no tratamento dos resultados bem como na inferência e interpretação dos dados encontrados²⁶.

Resultados e Discussão

As 15 vagas disponibilizadas foram inicialmente preenchidas, porém dessas 15 pessoas que realizaram a pré-inscrição apenas 7 compareceram no primeiro dia e então, a partir do segundo encontro mais duas passaram a integrar o grupo. A maioria das pessoas relatou ter ficado sabendo do grupo através da internet. Os participantes possuíam características semelhantes no que tange idade e ocupação. Tinham entre 20 e 25 anos, eram todos universitários sendo 5 do sexo feminino e 4 sexo masculino.

Após a o término dos encontros foi realizada uma categorização a partir dos discursos mais significativos e que se repetiram na fala dos participantes, seguindo a Análise de Conteúdo proposta por Bardin²⁶. Esta categorização foi apresentada ao grupo, nos dois últimos encontros, o qual auxiliou na discussão.

As categorias elencadas para discussão foram as seguintes:

1) Reflexos da suspensão do cotidiano

Esta categoria foi elencada devido ao frequente relato dos participantes de que os encontros proporcionavam uma fuga do cotidiano, faziam com que todos os sentimentos e compromissos acarretados pelo dia-a-dia fossem esquecidos durante a realização das atividades propostas. Ainda, traz a fala dos participantes de que as atividades, ao possibilitar esta suspensão, proporcionaram uma percepção mais aguçada de si e de cada parte do corpo. Relataram sentir que as atividades expressivas corporais abriram espaço para um autoconhecimento, para a identificação dos limites e possibilidades do corpo.

Netto e Carvalho dizem que suspensão da vida cotidiana é “um circuito, porque se sai dela e se retorna a ela de forma modificada” e que “à medida que essas suspensões se tornam frequentes, a reapropriação do ser genérico é mais profunda e a percepção do cotidiano fica mais enriquecida” (p.28)²⁷.



“Eu que tipo, passo a semana toda envolvido com um monte de cálculos quando chego aqui acabo esquecendo, relaxando”. (s1)

“Eu cheguei aqui muito mal por causa de umas coisas que tinham acontecido durante o dia, foi difícil me concentrar na atividade, mas depois sai bem melhor”. (s7)

“O ruim é que a gente fica tão bem aqui e quando sai é começar tudo de novo, volta tudo ao normal.” (s3)

Durante os encontros foi enfatizado pelos participantes a sobrecarga de trabalho acarretada pelos cursos de graduação o que, muitas vezes, também acabou sendo causa da ausência de alguns deles ao grupo. Relataram que as atividades propostas pelo grupo acabaram provocando um esquecimento desta sobrecarga deixando-os melhores para retornar a rotina. Concordamos com Heller quando diz que na singularidade do cotidiano, “o homem está por inteiro nas suas ações, porém, quando ultrapassa a dimensão da cotidianidade, na suspensão ao humano-genérico, o homem está inteiramente na ação” (p.34). [...] por intermédio do trabalho criativo, da arte e da ciência. Na verdade, da vida cotidiana se sai e a ela se retorna de outra forma⁷. Quando menciona ‘estar por inteiro nas ações’ Heller se refere às ações do cotidiano, do senso comum, repetitivas, imediatistas, aos hábitos e ao trabalho, algo que não muda constantemente. Diferentemente do momento em que o homem está ‘inteiramente na ação’, na ciência e na arte, onde existem transformações constantes e onde o homem tem a possibilidade de ser melhor⁷.

Observamos com base nos estudos realizados que o fazer teatral tem a possibilidade de abrir espaço para transformações no cotidiano e para mudança de hábitos. No entanto, este conteúdo apareceu em poucas falas dos sujeitos. Apenas um deles referiu o encorajamento provocado pelas experimentações para mantê-las em outros âmbitos da vida e não apenas no grupo, para torná-las parte de seus projetos de vida. Por conseguinte, os relatos dos participantes, trouxeram que o fazer teatral proporciona uma tomada de consciência, ou seja, através dele é aberta a possibilidade de nos conhecermos, conhecermos nossos limites e outras possibilidades de colocarmos nosso corpo em ação.

“Com a atividade de dançar com cada parte do corpo percebi que é possível dançar com todas as partes. Dançamos todos iguais”. (s2)

“Acho que esse tipo de atividade tem esse papel de ajudar a gente se conhecer e conhecer nossos limites.” (s6)

“O grupo preencheu um espaço na minha vida que tava faltando mesmo.” (s1)

Percebemos, com base nas falas e nos estudos das atividades expressivas corporais, que estas possibilitam um encontro do sujeito com várias formas de ser, ou seja, permitem a experimentação e o autoconhecimento mais profundo, principalmente no que tange os limites do corpo e da mente. Com base nos estudos de Liberman se concluiu que as artes permitem além da expressão, o conhecimento de si, do mundo e dos outros²⁸.

A arte é um instrumento para o conhecimento da realidade e, nesse sentido, Castro e Silva dizem que ela é terapêutica e integradora⁹. A partir dela, é possível que o sujeito conheça possibilidades de “aquisições, habilitações e prevenções”, o que acionará nele “mecanismos de alegria, tensão, prazer e fortalecimento nos processos de potencialização e inclusão social e cultural” (p.8).

2) Condicionamento contemporâneo e sua repercussão no cotidiano:

Quando indagados sobre os exercícios que envolviam certa concentração e convite a um relaxamento mais profundo, alguns relataram não se sentir à vontade ou preparados para realizar aquele tipo de atividade. Também disseram que, algumas vezes, encontravam-se muito agitados o que dificultava a participação nestas atividades.



Figura 2 – Arquivo pessoal

“Fiquei um pouco retraída hoje, mas aos poucos acho que vou me soltando.”(s4)

“Não me senti a vontade para fazer junto com os colegas a atividade, preferi ficar sozinho, na minha.”(s5)

“Foi muito difícil para mim relaxar, tentei de várias formas mas não fluiu.”(s5)

“Aquele dia da atividade que tinha que relaxar eu tive vontade de me levantar e sair correndo, estava muito elétrica e cheguei tendo que relaxar.” (s3)

Porém, uma pessoa que já havia tido contato com este tipo de atividade previamente relatou ter se sentido muito à vontade durante uma destas propostas, mas disse perceber a tensão de alguns colegas quando seus corpos ficaram mais próximos.

“Eu tava achando ótima aquela atividade de massagem, mas senti alguns colegas bem tensos com a situação.” (s6)

Atividades que proporcionam um encontro mais delicado do sujeito com o seu próprio corpo ou com o corpo de outro podem provocar tanto sensações agradáveis como desagradáveis, dependendo das singularidades de cada um, das experiências prévias e inclusive do local e da vinculação das pessoas pertencentes ao grupo. Como nos traz Liberman, cada sujeito responderá de forma diferente a “intensidade que lhe atravessa” e isso acontecerá a partir de suas experiências prévias, de seus vínculos e de sua cultura (p.217)²⁹.

Sendo assim, percebemos que cada sujeito, quando convocado a este tipo de atividade, responderá de uma forma diferente, sendo que alguns se sentirão mais confortáveis com o contato e o toque e outros, por questões singulares, poderão se sentir pressionados, contraídos e inibidos. Isso, segundo Liberman, está relacionado a questões culturais, as “marcas do passado” e a memória dos corpos (p.183), que delimitam a aproximação entre eles. Além disso, está relacionado aos códigos comportamentais, as normas e a relação atribuída ao toque de mobilizar a sexualidade²⁸.

Durante os dois últimos encontros, além da discussão coletiva a respeito do grupo, buscamos refletir sobre o porquê dos participantes terem faltado tanto aos encontros. A maioria, quando não comparecia justificava a falta devido a compromisso com atividades ligadas ao trabalho, ou seja, referente a seus respectivos cursos de graduação. Isto enfatiza que a relação e o compromisso estabelecido entre os participantes acabaram por não ser, suficientemente, consistentes a ponto de se sentirem convocados a ter uma responsabilidade no encontro de um com o outro. Conversando sobre isso, surge a questão de que, atualmente, as atividades que envolvem dinheiro, ou seja, remuneradas ou que são pagas, são as aquelas que recebem prioridade e acabam sendo consideradas as mais importantes.

“Simples, as pessoas faltam tanto porque não estão pagando”. (s3)

“É, eu faltei por causa de coisas da faculdade, primeira semana acadêmica, depois um encontro”. (s7)

“Estou faltando muito porque preciso fazer meu TCC”. (s1)

“Parei de ir em função de estar no fim do semestre, acabei me atucanando”. (s2)

Vemos aqui o reflexo da sobrecarga da vida contemporânea, na qual os sujeitos estão destinados a viver em busca da satisfação profissional e do retorno financeiro possibilitado pelo trabalho. Observamos a necessidade estabelecida de dedicar grande parte do tempo do cotidiano para o desenvolvimento de atividades de trabalho e para o aperfeiçoamento profissional levando em consideração as exigências do mercado atual.

No caos entre necessidades econômicas e existenciais, o homem contemporâneo se vê dividido entre as obrigações impostas por suas atividades laborais e o desejo de libertar-se dessas tarefas e, assim, poder usufruir um tempo para si. [...] A maior ou a menor variação desse tempo na vida dos indivíduos organiza-se e estrutura-se de acordo com padrões assimilados sobre como se deve dispor o tempo para as diversas atividades, além de como o sujeito valora o sentido do tempo cotidiano para si. Desta maneira, as diferentes formas de sentir, pensar, agir e estabelecer o tempo seguem padrões culturais que se refletem na ação do sujeito (p.481)³⁰.

Com isso, percebemos que estamos condicionados a agir de uma forma proposta pelo cotidiano que temos, pelas atividades que realizamos e locais aos quais pertencemos. Deste modo, muitas vezes, até mesmo nos possibilitarmos relaxar torna-se muito difícil. Não estamos buscando fazer uma crítica à dedicação e busca pela satisfação profissional, mas sim compreender, em que momento, nos permitimos vivenciar outras situações que também são essenciais para nossa constituição como sujeitos inteiros, pois como nos traz Boal tanto em situações de trabalho como em situações de lazer nosso corpo responde a estímulos que recebe e a partir deste cria “uma máscara muscular” e uma máscara de “comportamento social” as quais atuam sobre o “pensamento e as emoções que se tornam, assim, estratificadas” (p. 16)³¹.

Em que momento, nos possibilitamos momentos de lazer, reflexão e de satisfação pessoal além da proporcionada pelo trabalho?

3) Jogo Cênico:

Os participantes enfatizaram que se sentiram bem durante as atividades de caráter mais livre, bem como naquelas que davam maior abertura ao brincar e provocavam o riso. Os jogos que constituíram parte dessas ações permitiam aos participantes se colocarem no espaço e em relação ao outro, além de provocarem a criação e a imaginação dos mesmos preparando para exercícios onde a concentração, o foco e a sensibilização fossem necessários. Boal afirma que os jogos são eficazes na “desmecanização do corpo e da mente” que estão, muitas vezes, contaminados pelas tarefas rotineiras de trabalho e voltados a “condições econômicas, ambientais e sociais” (p.16)³¹.

“Acredito que todas as atividades assim, que a gente brinca e provocam o riso, fazem bem.” (s6)

“O primeiro dia foi muito bom, todo mundo riu e brincou junto.” (s3)

“Os relaxamentos, meditações e risadas me fizeram muito bem e de certa forma o grupo me deu coragem pra que eu pudesse investir na arte, coisa que eu sempre gostei, mas tinha vergonha”. (s2)

O fazer teatral acaba proporcionando aos sujeitos que o praticam a possibilidade de expressão e de criação, porém é necessária uma preparação destes para encarar a abertura acarretada que faz emergir sentimentos e sensações. Os jogos teatrais e dramáticos fazem parte desta preparação que busca adaptar os sujeitos às provocações nas quais serão expostos.

Segundo Boal os jogos se assemelham a vida em sociedade, pois possuem regras da mesma forma que a sociedade possui leis. Porém, vê-se a necessidade de liberdade tanto no jogo quando na vida para que “não se transforme em servil obediência” (p.16)³¹.

Pequenas cenas improvisadas foram construídas pelo grupo através de exercícios onde recebiam um local, ações e um personagem e tinham que desenvolver uma história com início, meio e fim. Outras, onde eram instigados a alterar as últimas falas ou utilizarem palavras iniciadas por uma mesma letra fizeram parte das experimentações as quais trouxeram aspectos do contexto dos participantes, mas também os fizeram imaginar situações improváveis e diferenciadas das cotidianas.

Considerações Finais

A suspensão e a alienação são observadas nos relatos dos participantes. A alienação ocasionada pelos processos de trabalho e a suspensão da cotidianidade que pode ser observada nos encontros a partir da prática teatral¹.

Encontramos nas atividades artísticas um modo de trabalhar que possibilita a invenção de um espaço para o cuidado, para a socialização, para a estruturação, recomposição e ressignificação dos projetos de vida. O fazer teatral, assim, pode ser um facilitador da expressão não-verbal e, através dele, as pessoas podem ter a possibilidade de recriar antigas experiências.

Foi possível observarmos no grupo a “suspensão do cotidiano” sugerida por Heller¹. Vimos que, a partir destas atividades os participantes conseguiram fazer com que estes espaços de vivência se tornassem propícios para uma fuga das atividades rotineiras, que acabam se tornando repetitivas e mecanizadas, e encontrando tempo para reflexão e suspensão da realidade social². Heller reforça que a arte é um dos processos que possibilita uma suspensão temporária e que isso não acontece a parte do cotidiano, mas sim como uma experiência desalienante que o constituirá.

Segundo Heller, a alienação na vida cotidiana acontece quando as ações da vida são cristalizadas impedindo uma movimentação e a criação no cotidiano. Porém, cabe ressaltar que o cotidiano por si só não é alienado, são as barreiras impostas pela sociedade que impedem produções conscientes do sujeito⁴. Os grupos são recursos significativos para proporcionar um espaço de desalienação, tendo em vista que possibilitam a ressignificação do cotidiano e o fortalecimento do sujeito, impulsionada por esta suspensão temporária. Além disso, os processos grupais dão lugar ao diálogo, a reflexão e a potencialização do sujeito³².

Durante a pesquisa percebemos também a constituição de um grupo com características etárias e de trabalho semelhantes. Vimos como possível causa o fato do grupo ter sido desenvolvido dentro de uma universidade, na qual nem todos tem acesso ou se sentem aptos ou convidados a frequentar. Ainda, outra possível razão desta configuração foi o pouco tempo disponível para constituir parcerias com instituições de saúde, educação ou cultura a fim de buscar públicos diferenciados no que tange idade, características pessoais, singularidades ou atividades de trabalho; além de tempo insuficiente para ter um maior número de encontros que viessem a provocar um envolvimento e pertencimento maior das pessoas constituintes do grupo.

O grupo possibilitou reconhecer que atividades artísticas como o teatro possibilitam o autoconhecimento, o reconhecimento de limitações e a expressão, como nos trazem Castro e Silva, e Liberman^{9, 28}. Observamos ainda, que estas experiências possibilitaram um espaço de socialização, integração e desinibição, pois respeitam as formas de agir e pensar de cada participante.

Por fim, reafirmamos a importância de a Terapia Ocupacional interagir com outras áreas de conhecimento, como as artes, buscando a transdisciplinaridade e a troca de saberes entre esses dois universos, tendo em vista que atividades artísticas possibilitam a potencialização da vida dos sujeitos e novos modos de se viver em comunidade.

Referências

1. Heller A. O cotidiano e a história. Tradução: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 1992
2. Veroneze RT. Agnes Heller: cotidiano e individualidade – uma experiência em sala de aula. Textos & Contextos, Porto Alegre, 2013; 12.(1): 162-172.
3. Heller A. Sociología de la vida cotidiana. Trad. J. F. Yvars e E. Pérez Nadal. Barcelona: Península, 1977
4. Heller A. O cotidiano e a história. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

5. Patto MHS O conceito de cotidianidade em Agnes Heller e a pesquisa em educação. *Perspectivas*, São Paulo, 1993; 16.
6. Fernandes I. A dialética dos grupos e das relações cotidianas. In: *Aspectos da Teoria do cotidiano: Agnes Heller em perspectiva*. Guimarães, G.T.D.; org Idília Fernandes et al; Porto Alegre; EDIPUCRS, 2002
7. Guimarães GD. *Cotidiano e cotidianidade: limite tênue entre os reflexos da teoria e o senso comum*. In: Guimarães GD. (Org.) *Aspectos da teoria do cotidiano: Agnes Heller em perspectiva*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002
8. Pedral C, Bastos P. *Terapia Ocupacional – metodologia e prática*. Rio de Janeiro: Ed. Rubio; 2ª ed., 2013.
9. Castro, ED, Silva DM. Habitando os campos da arte e da terapia ocupacional: percursos teóricos e reflexões. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, 2002; 13(1): 1-8.
10. Lima EMF, Pelbart PP. Arte, clínica e loucura: um território em mutação. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*: Rio de Janeiro, 2007; 14(3):709-735. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v14n3/02.pdf>. Acessado em 23 de novembro de 2012.
11. Lima EMA, Inforsato EA, Lima LJC, Castro ED. Ação e criação na interface das artes e da saúde. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, 2009; 20(3): 143-48.
12. Castro ED, Inforsato EA, Buelau RM, Valent IU, Lima EA. Território e diversidade: trajetórias da Terapia Ocupacional em experiência de arte e cultura. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, 2016; 24(1):3-12.
13. Justa FMC, Holanda ICLC. Teatro com adolescentes em risco social: práticas de promoção de saúde no contexto terapêutico ocupacional. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, 2012; 23(1): 16-23.
14. Boal A. *O Arco-íris do desejo: Método Boal de Teatro e Terapia*. Ed. Recor, 1996.
15. Barja AM, Ribeiro CAC. O teatro na Terapia Ocupacional como recurso terapêutico para promoção da saúde mental. In: XI ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA e VII ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO - UNIVERSIDADE DO VALE DO, 2007: 1700 – 1703. Disponível em: <http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2007/trabalhos/saude/epg/EPG00086_02C.pdf > Acesso em: 22 de nov. de 2012.
16. Castro ED, Saito CM, Drumond FVF, Lima LJC. Ateliês de Corpo e Arte: inventividade, produção estética e participação sociocultural. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, 2011; 22(3): 254-262.
17. Burnier LO. A arte de ator. *Rev. do Lume*, 1999; 2:10-11.
18. Liberman F. *Danças em Terapia Ocupacional*. São Paulo: Summus, 1998.
19. Castro ED, Silva DM. Atos e fatos de cultura. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, 2007; 18(3): 102-112.
20. Goldschmidt IL. O teatro de Augusto Boal e a educação profissional em saúde. *Rev. Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, 2012; 10(1): 61-69.
21. Barbosa ND. *Fendas na Cultura: A produção de tecnologias de participação socioculturais em Terapia Ocupacional*. 2010. Dissertação (Mestrado em ciências) - Faculdade de Medicina de São Paulo, São Paulo, 2010.
22. Boal A. *200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro*. 6ª ed. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1985.
23. Spolin V. *Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor*. 1ªed. Editora Perspectiva: São Paulo, 2008.
24. Spolin V. *Improvisação para teatro*. 4ª ed. Editora Perspectiva: São Paulo, 2005
25. Novelly MC. *Jogos Teatrais: exercícios para grupos e sala de aula*. Campinas: Papirus, 1994.
26. Bardin L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
27. Netto JP, Carvalho MCB. *Cotidiano: conhecimento e crítica*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.
28. Liberman F. *Delicadas Coreografias: Instantâneos de uma terapia ocupacional*. São Paulo: Summus, 2008.
29. Liberman F. Trabalho corporal, música, teatro e dança em Terapia Ocupacional: clínica e formação. *Cadernos Centro Universitário São Camilo – Terapia Ocupacional*, 2002; 8(3): 39-43.
30. Aquino CAB, Martins JCO. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. *Revista mal-estar e subjetividade*, Fortaleza, 2007; 7(2):479-500.
31. Boal A. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2005.
32. Fernandes IA. A dialética dos grupos e das relações cotidianas. In: Guimarães GTD, Fernandes I et al (org). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p.37-59.

Juliana Prestes Ferigollo

Endereço para correspondência – Rua: Modesta Brondani Quatrin, n° 948,
Bairro: Centro, CEP: 97220-000, Faxinal do Soturno, RS, Brasil.

E-mail: juliana.ferigollo@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5380590932979034>

Andrea do Amparo Carotta de Angeli – dea_amparo@yahoo.com.br

Enviado em 04 de junho de 2015.

Aceito em 07 de agosto de 2017.